



CEPEA

CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM
ECONOMIA APLICADA - ESALQ/USP

| MERCADO DE TRABALHO DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO |

MULHERES NO AGRONEGÓCIO

EDIÇÃO ESPECIAL | VOLUME 1



EXPEDIENTE

COORDENAÇÃO GERAL | Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros e Alexandre Nunes de Almeida

COORDENAÇÃO DO ESTUDO | Nicole Rennó Castro e Leandro Gilio

EQUIPE | Marcello Luiz de Souza Junior e Ana Carolina de Paula Moraes

JORNALISTA RESPONSÁVEL | Alessandra da Paz (Mtb: 49.148)

REVISÃO | Bruna Sampaio (Mtb: 79.466), Flávia Gutierrez (Mtb: 53.681) e Nádia Zanirato (Mtb: 81.086)

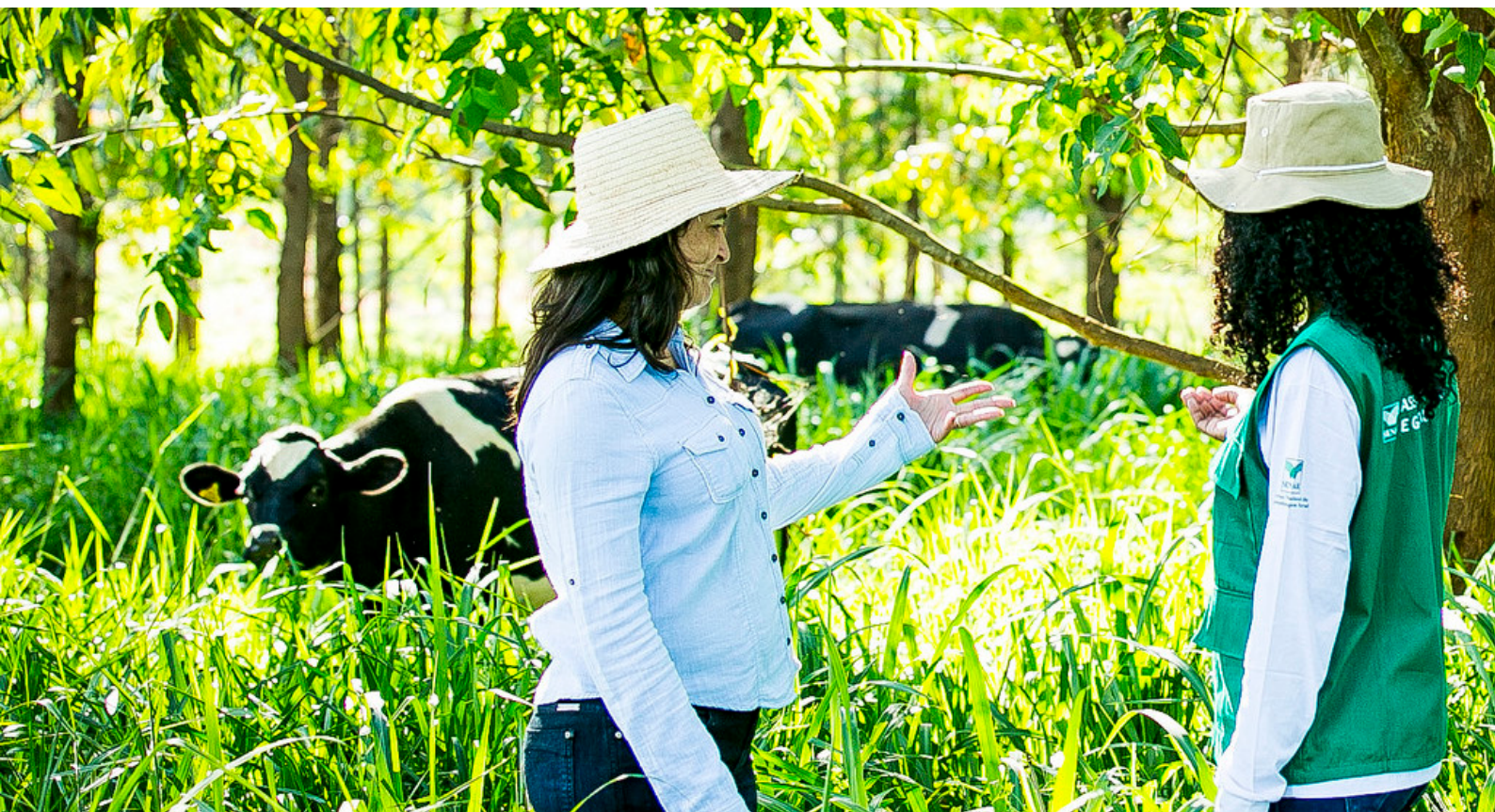
DIAGRAMAÇÃO | Bruna Sampaio (Mtb: 79.466)

FOTOS | CNA/Senar

.....

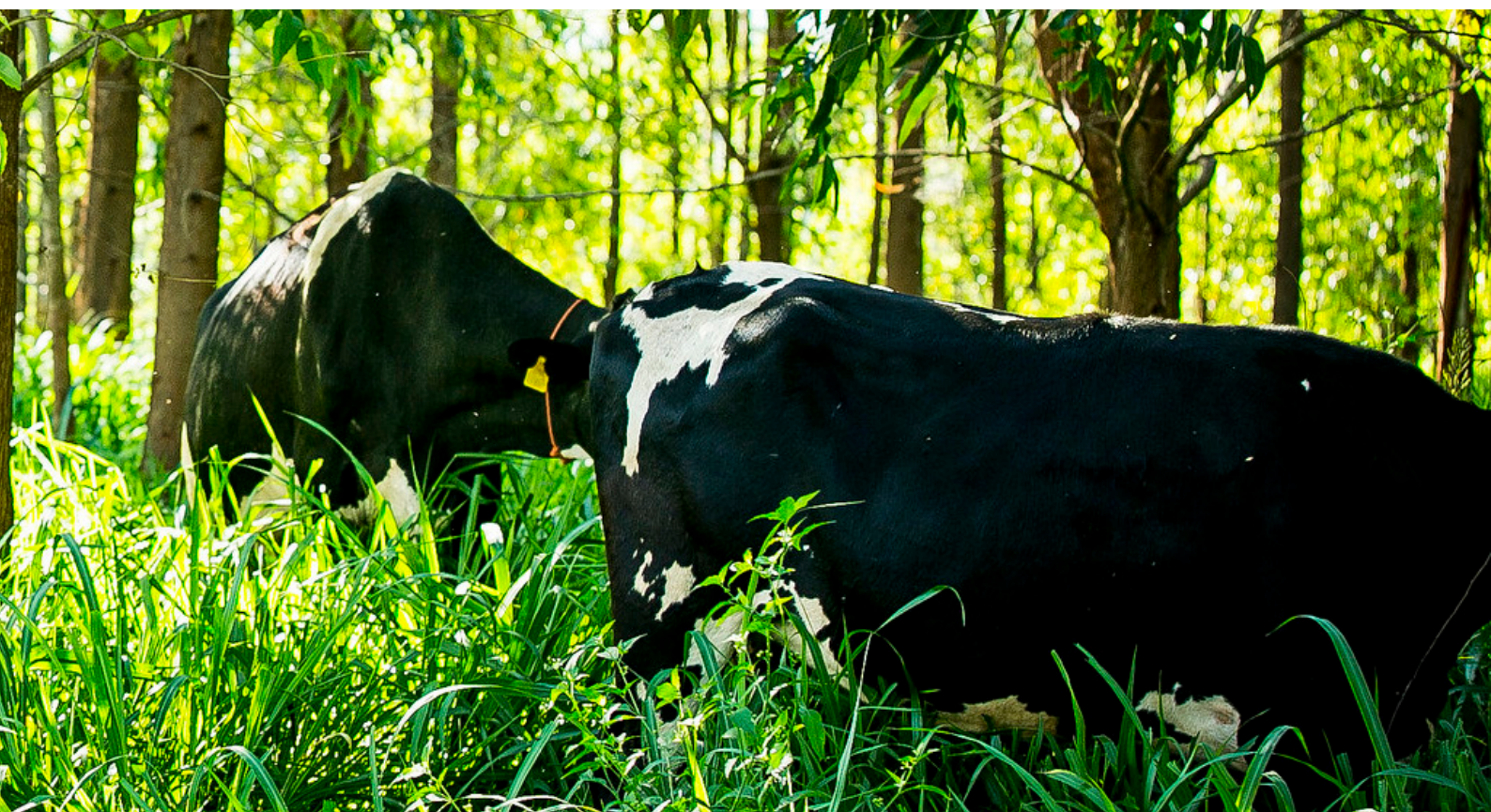
Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA).
Mulheres no Agronegócio. Piracicaba, v. 1, Novembro|2018.

Avenida Pádua Dias, 11, São Dimas, Piracicaba-SP
(19) 3429-8800 | cepea@usp.br | www.cepea.esalq.usp.br



SUMÁRIO

1. Estudo sobre mulheres no agronegócio	5
2. Evolução recente da participação da mulher no agronegócio	6
3. O perfil das mulheres do agro, cenário atual e evolução	8
4. Satisfação com o trabalho, agronegócio versus Brasil	11
5. Apesar do avanço, melhorias ainda são necessárias	12





NOTAS METODOLÓGICAS

O Acompanhamento do Mercado de Trabalho do Agronegócio realizado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA) aborda aspectos da conjuntura e da estrutura do mercado de trabalho do setor. O agronegócio, nesses estudos, é entendido como a soma de quatro segmentos: insumos para a agropecuária, produção agropecuária primária, agroindústria (processamento) e agrosserviços.

Além do acompanhamento trimestral dos principais números do mercado de trabalho do agronegócio, a equipe de Macroeconomia do Cepea vem produzindo estudos especiais abordando diferentes aspectos importantes sobre o tema, como os trabalhos já divulgados: “Evolução recente dos rendimentos dos trabalhadores do Agronegócio” e “A dinâmica dos empregos formais na agroindústria sucroenergética de 2000 a 2016”.

Esse presente estudo, por sua vez, se trata do primeiro de uma série temática sobre as “Mulheres no Agronegócio”, que compreenderá três volumes. Para a elaboração desses trabalhos, foi aplicada a metodologia desenvolvida pelo Cepea para a mensuração e o acompanhamento do mercado de trabalho geral do agronegócio, com as adaptações necessárias para o objetivo específico. Os resultados foram extraídos principalmente dos microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do IBGE, com uso complementar de dados da RAIS, do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

Para todas as análises apresentadas a seguir, considerou-se como pessoa ocupada apenas aquelas com 10 anos ou mais. Ademais, empregos relacionados à carreira pública, militar ou subsistência foram excluídos da análise pelo fato de tais tipos de ocupação apresentarem um mercado de trabalho com características distintas das relações tradicionais de contratação, remuneração e respostas ao nível de atividade econômica e outros choques.

1 ESTUDO SOBRE MULHERES NO AGRONEGÓCIO

Ao longo das últimas décadas, diversas transformações estruturais de naturezas cultural e social ocorridas na sociedade brasileira resultaram em aumento, ainda que lento, da participação da mulher no mercado de trabalho. De fato, dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) revelam que, entre 2002 e 2015, a Taxa de Participação Feminina na Força de Trabalho (TPFT) cresceu aproximadamente 3p.p., chegando a 40% no último ano.

Por sua vez, o agronegócio, e sobretudo a agropecuária, é tradicionalmente reconhecido na sociedade pela participação feminina relativamente baixa, cenário que têm sido alterado nos últimos anos.

Diante desse contexto, e dando continuidade à série de estudos referentes ao Mercado de Trabalho do Agronegócio, o Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), da Esalq/USP, elaborou uma pesquisa, dividida em três volumes, visando avaliar os principais aspectos referentes à atuação da mulher no mercado de trabalho do agronegócio brasileiro, considerando um panorama recente. Buscou-se trazer evidências empíricas e dados atualizados acerca do tema.

No primeiro e presente volume, apresenta-se a evolução da participação feminina entre 2004 e 2015, descrevendo ainda o perfil dessas mulheres que tem atuado no agronegócio e como esse retrato se alterou no período. Adicionalmente, avalia-se aspectos acerca da satisfação obtida no trabalho para as mulheres atuantes no agronegócio, de forma comparativa com aquelas que atuam nos demais setores.

O segundo volume detalhará o aumento da TPFT a partir de uma análise de decomposição. Para tanto, serão utilizados os crescimentos observados nos subgrupos de interesse, delimitados a partir de características como escolaridade, número de filhos, status civil e outros. Por fim, a terceira parte do estudo focará em questões relacionadas à desigualdade salarial, avaliando esse tema por diversas óticas (temporal, geográfica e características socioeconômicas).

Nos três volumes do estudo, considera-se como pessoa ocupada¹ (ou trabalhador(a)) aquelas que (i) são empregadas com ou sem carteira assinada, (ii) atuam por conta própria ou (iii) são empregadoras. Para obtenção das informações, são utilizados os procedimentos metodológicos desenvolvidos pelo Cepea e os microdados anuais da PNAD. De forma complementar, utiliza-se também os dados da RAIS, do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).



¹ Empregos relacionados à carreira pública, militar ou subsistência foram excluídos da análise pelo fato de tais atividades apresentarem um mercado de trabalho com características distintas das relações tradicionais de contratação, remuneração e respostas ao nível de atividade econômica e outros choques.

2 EVOLUÇÃO RECENTE DA PARTICIPAÇÃO DA MULHER NO AGRONEGÓCIO

Entre 2004 e 2015, houve uma tendência geral de redução da população ocupada (PO) do agronegócio. No período, a queda foi de 6,6%. Enquanto o número de homens atuando no setor diminuiu 11,6%, o

total de mulheres trabalhando no agro aumentou 8,3%. Diante desse cenário, a participação da mulher no mercado de trabalho do agronegócio cresceu consistentemente entre 2004 e 2015, passando de 24,1% para 28% - Figura 1.

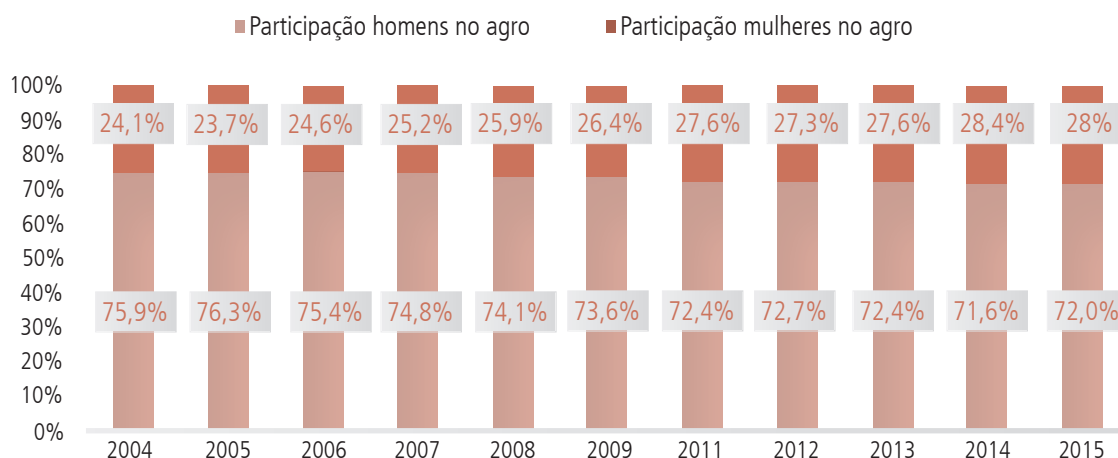


Figura 1 – Evolução da participação de homens e mulheres no mercado de trabalho do Agronegócio
Fonte: Cepea/Esalq-USP

Comparativamente ao Brasil como um todo, a participação da mulher no agronegócio ainda é relativamente baixa – em 2015, 40% dos trabalhadores eram mulheres.

Considerados os segmentos do agronegócio, a distribuição das mulheres pelos diferentes elos diverge expressivamente da observada para os homens. Enquanto os homens do agronegócio estão predominantemente atuando no segmento primário (agropecuária), as mulheres atuam principalmente nas agroindústrias e nos agrosserviços. Essa característica do mercado de trabalho agro para mulheres se acentuou ao longo do período analisado, conforme se observa na Figura 2.

Em 2015, apenas 19,66% das mulheres atuando no agronegócio estavam dentro da porteira. Quanto aos elos industriais, 0,91%

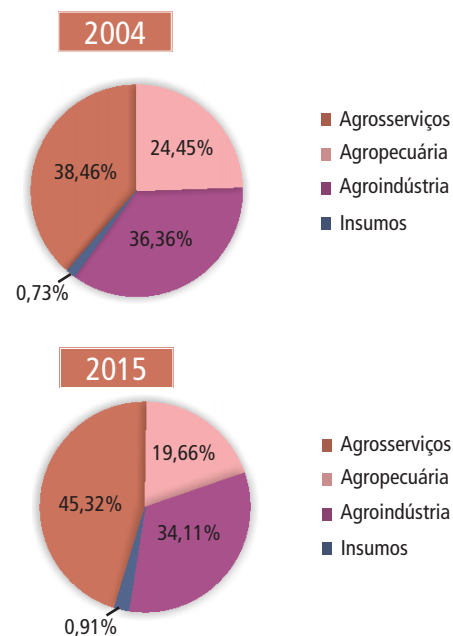


Figura 2 – Distribuição das mulheres entre os quatro segmentos do agronegócio (2004 e 2015)
Fonte: Cepea/Esalq-USP

estava na indústria de insumos e 34,11%, na agroindústria de processamento. O segmento de agrosserviços, por sua vez, se destacou, com participação de 45,32% (Figura 2). Dentro da agroindústria, mais de 45% das mulheres atuam na produção de alimentos e bebidas e cerca de 31%, na indústria têxtil-vestuarista. Destaca-se, também, a indústria de preparação de couros e artefatos e calçados de couro, com 17% das mulheres trabalhando na agroindústria nacional – Ver Figura 3.

Já na agropecuária, a concentração de mulheres é mais frequente na hortifruticultura (18,79%), seguida de atividades relacionadas à avicultura (12,19%), a grãos (10,64%) e à bovinocultura (9,72%), em especial aquela destinada à produção de leite. Sobre a hortifruticultura, avicultura e produção leiteira são tradicionalmente reconhecidas como atividades de menor exigência de força física. Desse modo, a participação de mão de obra feminina nesses setores é, historicamente, maior que em outras culturas agropecuárias.

Em 2008, o Cepea publicou, por Mônica Georgino, um estudo desmistificando a mão de obra feminina com foco na hortifruticultura. De acordo com esse estudo², as

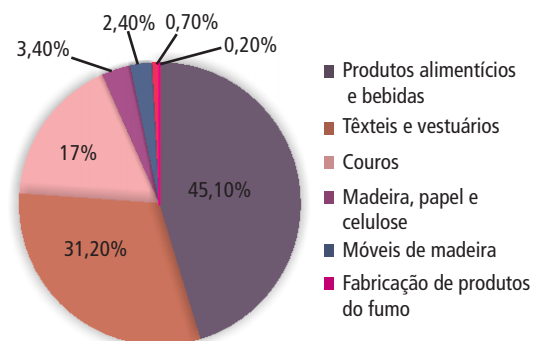


Figura 3 – Distribuição das mulheres entre as atividades que compõem a agroindústria de processamento (2015)

Fonte: Cepea/Esalq-USP

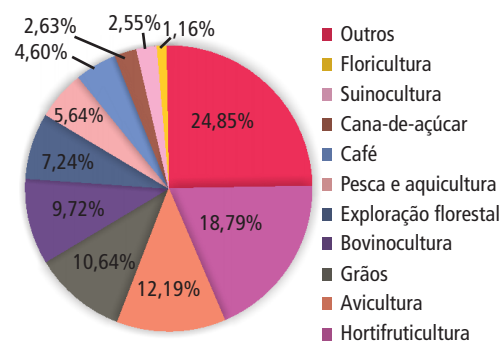


Figura 4 – Distribuição das mulheres entre as atividades que compõem a agropecuária (2015)

Fonte: Cepea/Esalq-USP

mulheres são muito demandadas em funções que exigem um manuseio mais cuidadoso da fruta; já em funções que exigem força física, há um desestímulo à contratação.

O estudo também destaca que questões “culturais” afetam a contratação de mulheres nessas atividades, e que muitas vezes a própria oferta de mão de obra feminina é baixa, nos casos de lavouras próximas aos centros urbanos (em que há mais opções de empregos industriais e em atividades de serviços).

Tendo em mente a evolução positiva da participação da mulher no agronegócio, e o caráter agroindustrial e de serviços dos empregos, parte-se para a análise de aspectos adicionais sobre essa evolução.

² <http://www.hfbrasil.org.br/br/revista/acessar/capa/desmisticando-a-mao-de-obra-feminina.aspx>



3 O PERFIL DAS MULHERES DO AGRO, CENÁRIO ATUAL E EVOLUÇÃO

Primeiramente, avaliando as posições na ocupação e categorias de emprego, verifica-se que o aumento da participação feminina no agronegócio ocorreu sobretudo na categoria de empregadas com carteira de trabalho assinada, principalmente entre 2009 e 2013 –Figura 5. Essa informação é muito relevante principalmente dado o perfil do agronegócio como um todo, mar-

cado por um nível de informalidade mais alto que o médio da economia (Cepea, 2017³).

Complementarmente, a participação dos empregos sem carteira assinada no total das mulheres ocupadas no agronegócio caiu consistentemente no período, principalmente a partir de 2008. Entre 2012 e 2015, verificou-se também um aumento na participação das mulheres atuando por

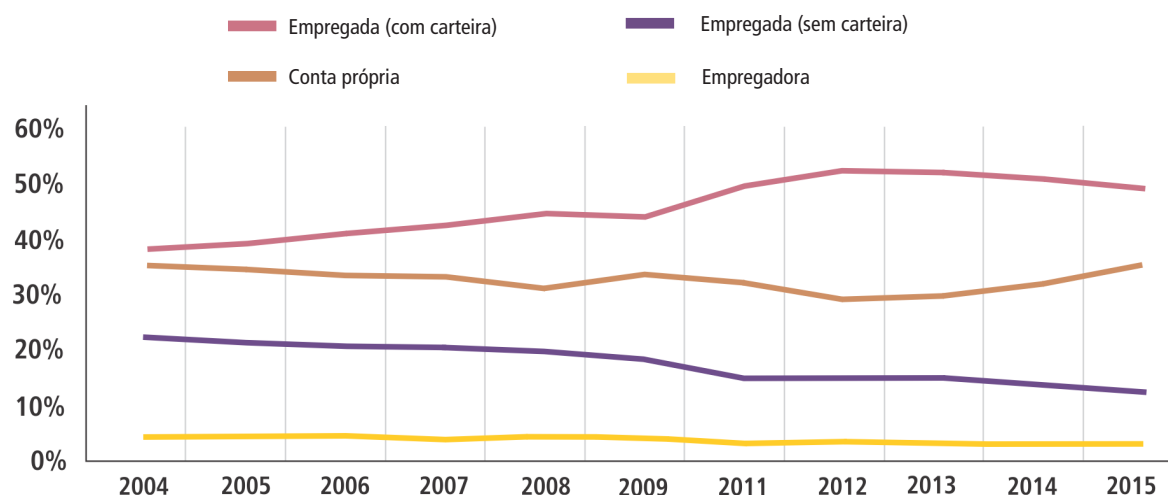


Figura 5 – Evolução das participações das mulheres do agronegócio por grupos de posição na ocupação e categorias de emprego
Fonte: Cepea/Esalq-USP

conta própria no agronegócio (Figura 5). Vale destacar que o grau de formalização da mão de obra feminina empregada no agronegócio evoluiu de maneira mais intensa que o da economia brasileira entre os anos de 2008 a 2012, embora, para o País como um todo, essa tendência também tenha sido verificada. Para o período em questão, observou-se um crescimento de 5,35% a.a. no número de trabalhadoras com carteira assinada no agronegócio, frente a um aumento de 3,94% a.a. verificado em todo o Brasil. Ao considerar a

redução no total de empregos informais, a diferença é ainda maior. Enquanto o número de mulheres ocupadas no agronegócio sem carteira assinada reduziu 5,62% a.a. de 2008 a 2012, a redução no País foi de 2,24% a.a.

Esse comportamento do nível de emprego formal no agronegócio pode ser explicado tanto por fatores macroeconômicos gerais do Brasil, como o (i) bom desempenho da economia no período e (ii) o crescente *enforcement* entre empresas para a regularização da situação trabalhista de seus funcionários, quanto por fatores

² <https://www.cepea.esalq.usp.br/br/documentos/texto/mercado-de-trabalho-do-agronegocio-brasileiro-resultados-preliminares.aspx>

setoriais, como a alta e crescente participação da mulher na agroindústria e nos agrosserviços, segmentos tradicionalmente conhecidos por apresentarem maior grau de formalização de sua força de trabalho frente à agropecuária. Quanto às características socioeconômicas das

mulheres do agro, a análise da Figura 6 permite verificar que o aumento da participação feminina no agronegócio foi impulsionado por trabalhadoras com um maior nível de educação formal, indicando evolução positiva atrelada a empregos que demandam maior qualificação.

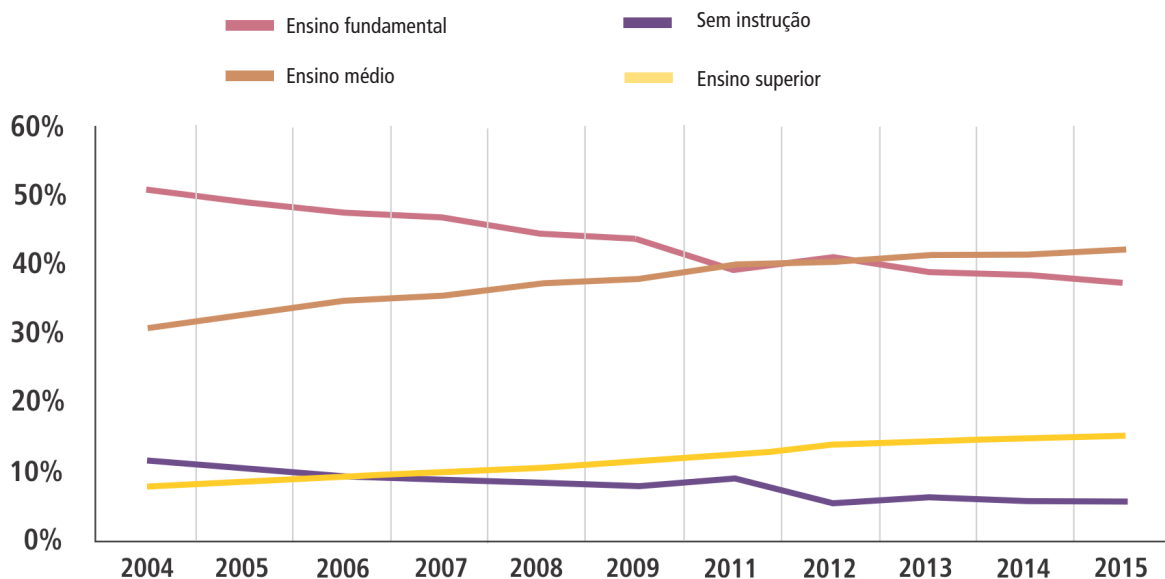


Figura 6 – Evolução das participações das mulheres do agronegócio por grupos de nível de instrução
Fonte: Cepea/Esalq-USP

Enquanto a participação das mulheres com instrução igual ou inferior ao ensino fundamental recuou expressivamente no período, aumentou a participação das mulheres com ensino médio e superior atuando no agro. Especificamente, a participação das mulheres com ensino superior dobrou no período, passando de 7,6% para 15% (Figura 6). É importante reforçar que essa tendência não foi específica do mercado de trabalho do agronegócio, e também foi observada para a média das mulheres no País como um todo.

Em relação à idade, a participação de mulheres com mais de 30 anos atuando no agronegócio tem aumentado em relação à participação de mulheres com 30 anos ou menos,

como se observa na Figura 7. Considerando-se o primeiro grupo de mulheres (>30), a participação no mercado de trabalho do agronegócio passou de 60,99% em 2004, para 68,37% em 2015. Esse movimento foi observado de forma consistente ao longo do período. Destaca-se que a tendência também foi verificada para o Brasil como um todo, com a participação de mulheres com mais de 30 anos aumentando de 58,86% para 68,49% de 2004 a 2015. Dentre as possíveis explicações para essa tendência, pode-se citar o processo de envelhecimento da população brasileira que, por sua vez, reflete na idade média da população ocupada e, mais recentemente, uma mudança de comportamento dos trabalhadores, que estão cada vez mais optando por adiar sua saída do mercado de trabalho.

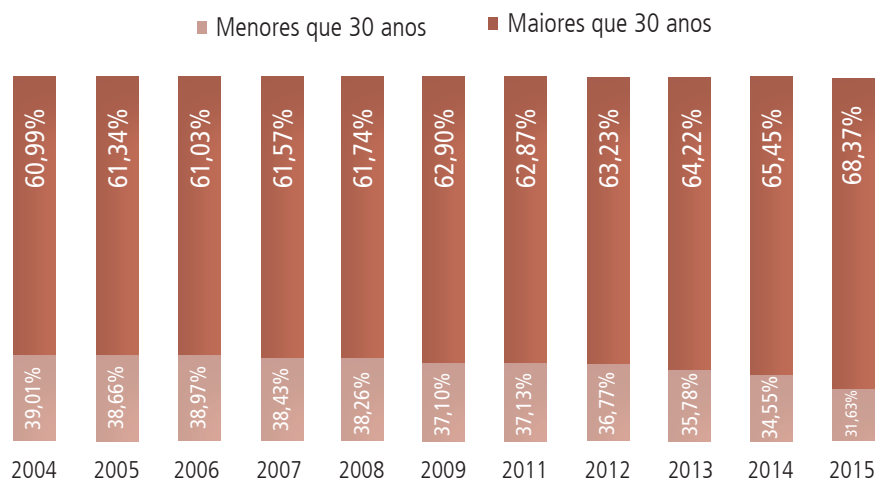


Figura 7 – Evolução das participações das mulheres do agronegócio por grupos de idade
Fonte: Cepea/Esalq-USP

Ao longo de todo o período estudado, predominou no mercado de trabalho feminino do agronegócio a participação⁴ de mulheres casadas e com filhos. Porém, essa participação diminuiu no período, para 51,55% em 2015. A participação das mulheres solteiras e com

filhos também diminuiu: 3,32 p.p. no período. Por outro lado, aumentou em 6,26 p.p. a participação das mulheres casadas e sem filhos. Essa tendência também pode refletir uma mudança da estrutura geral das famílias no País

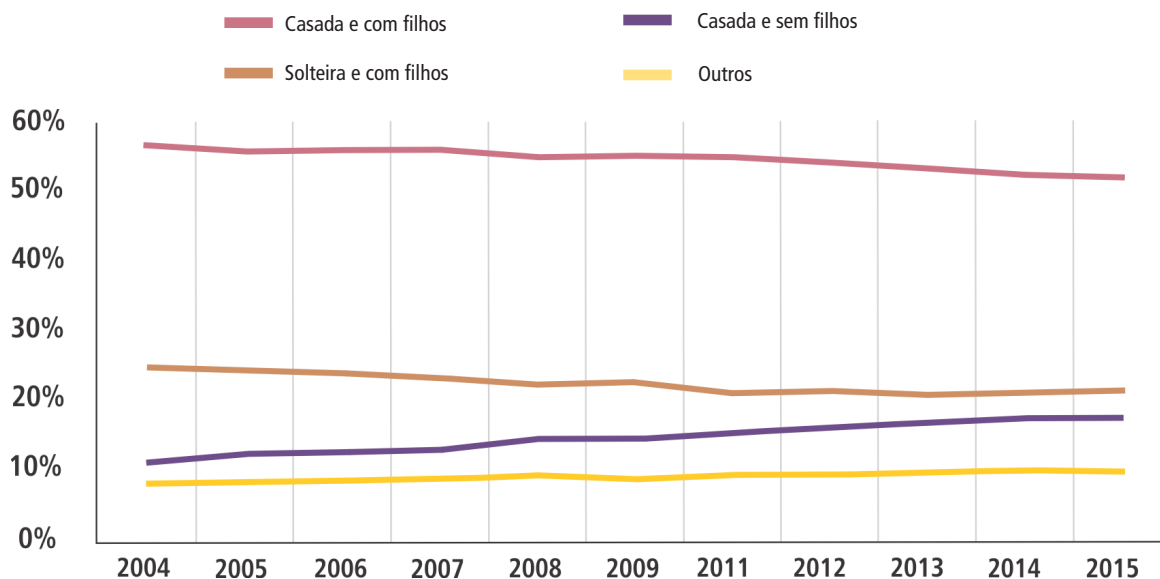


Figura 8 – Evolução das participações das mulheres do agronegócio por tipos de família
Fonte: Cepea/Esalq-USP

⁴ A desagregação da população feminina ocupada no agronegócio por tipo de família foi realizada com base na classificação de famílias definida pelo IBGE.

Finalmente, a distribuição das mulheres do agronegócio por situação do domicílio, entre áreas rurais e urbanas, não passou por transformações relevantes no período estudado, mantendo-se a predominância da zona urbana (Figura 9). Essa distribuição é compatível com a estrutura do mercado de trabalho do agronegócio da mulher, em que predominam os empregos agroindustriais e de serviços em relação aos empregos agropecuários.

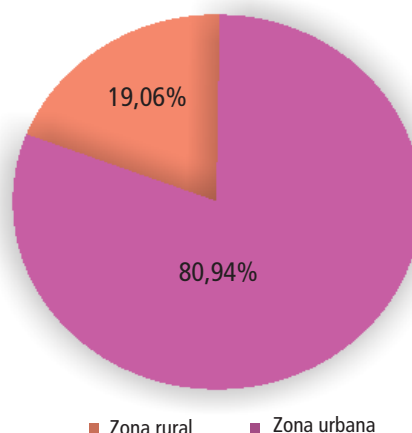


Figura 9 – Distribuição da população feminina ocupada no agronegócio por situação do domicílio
Fonte: Cepea/Esalq-USP

4 SATISFAÇÃO COM O TRABALHO, AGRONEGÓCIO *VERSUS* BRASIL

Em sua edição de 2015, como resultado direto da parceria entre IBGE, Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e Organização Internacional do Trabalho (OIT), a PNAD disponibilizou, sob forma de suplemento, dados acerca das relações de trabalho existentes no País e seus principais aspectos. Especificamente, foram abordadas as satisfações com o salário, jornada de trabalho e com

a promoção de igualdade de oportunidades e de tratamento. Tendo em vista que o senso comum considera o agronegócio como um setor tradicionalmente masculino, poderia se esperar que a mulher do agro fosse, em média, menos satisfeita que as mulheres em geral atuando no País. A partir dessas informações, nosso estudo mostra que o nível de satisfação⁵ no agronegócio é semelhante ao nível médio ve-

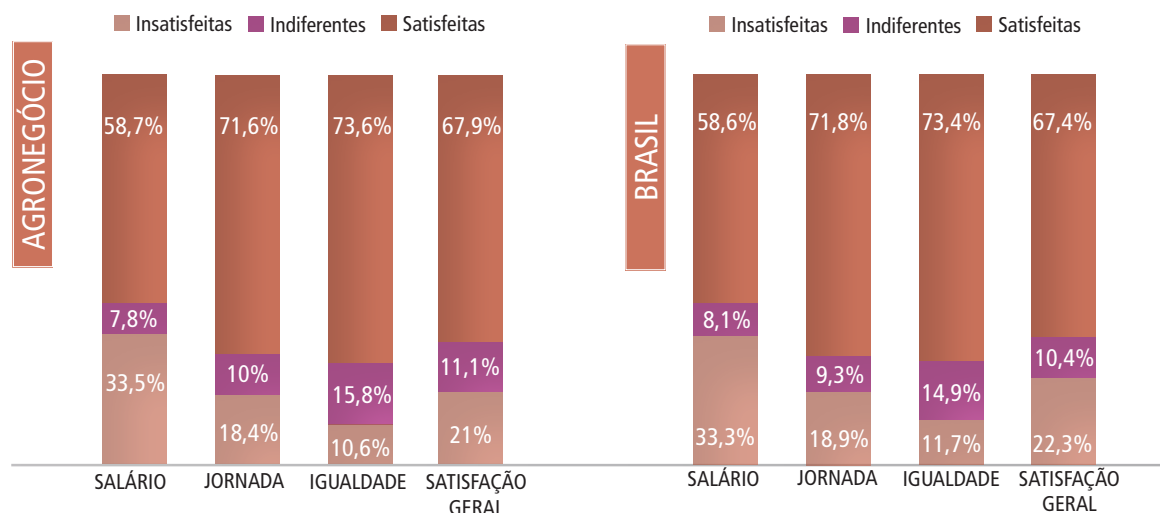


Figura 10 – Grau de satisfação com o emprego para mulheres trabalhadoras do agronegócio e no País em geral
Fonte: Cepea/Esalq-USP

⁵Para o cálculo do índice de satisfação, utilizou-se uma média simples entre (i) satisfação com salários; (ii) satisfação com a jornada de trabalho e (iii) satisfação com a promoção de igualdade de oportunidades e tratamento.

rificado para as mulheres no Brasil – Figura 10.

Vale explorar também o quão satisfeitas as mulheres estão com os programas de capacitação profissional oferecidos no emprego. Inicialmente, a tabulação dos dados indica que possibilidades de aperfeiçoamento profissional por meio de cursos oferecidos pelo empregador são mais frequentes no agro, uma vez que o número de mulheres empregadas

no setor que declararam não ter acesso a tais programas foi de 38,67%, frente a uma taxa de 40,89% relatada por mulheres no Brasil em geral. Adicionalmente, o percentual de trabalhadoras satisfeitas com a capacitação profissional recebida no agro foi de 43,86% em 2015, ao passo que a satisfação verificada em trabalhadoras atuantes nos demais setores da economia (inclusive o agronegócio) foi de 40,92%.

5 APESAR DO AVANÇO, MELHORIAS AINDA SÃO NECESSÁRIAS

Ao longo deste estudo, buscou-se indicar importantes melhorias ocorridas na participação e no perfil das mulheres ocupadas no agronegócio nos últimos anos, como o crescente nível de instrução das trabalhadoras, o maior grau de formalização do emprego e o bom nível de satisfação com trabalho (relativamente à satisfação média do Brasil). Contudo, apesar das evoluções positivas citadas, outros aspectos ainda carecem de aten-

ção, como o nível hierárquico dos cargos usualmente ocupados por mulheres no agronegócio.

Ao considerar o segmento “dentro da porteira”, apesar da evolução recente do número de mulheres que administram propriedades agropecuárias, o total de mulheres desempenhando essa atividade ainda é baixo: 15,31% em 2015. Vale destacar que a participação feminina é mais acentuada em estabelecimentos ligados a ativida-

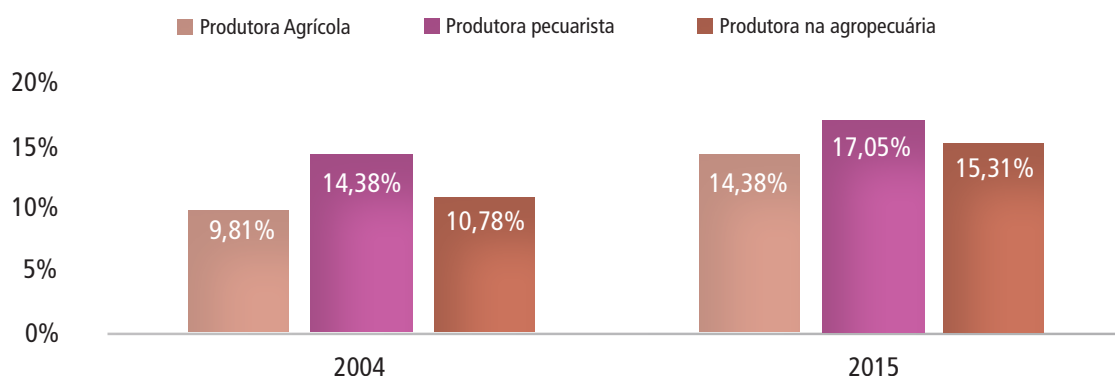


Figura 11 – Participação de mulheres que ocupam o cargo “Produtora” em atividades agrícolas, pecuárias e agropecuárias em 2004 e em 2015
Fonte: Cepea/Esalq-USP

des pecuárias, como demonstra a Figura 11.

Para os demais segmentos (Insumos, Agroindústria e Agrosserviços), a realidade se repete. Em 2015, a cada 10 dirigentes, apenas três eram mulheres. A mesma proporção é válida para os cargos de gerência (ver Figura 12). Tais dados chamam a atenção para

a persistência da desigualdade existente entre homens e mulheres quanto à ocupação de cargos de decisão em organizações, seja essa uma propriedade rural, agroindústria ou empresa prestadora de serviços – embora esse diferencial tenha se reduzido no período.

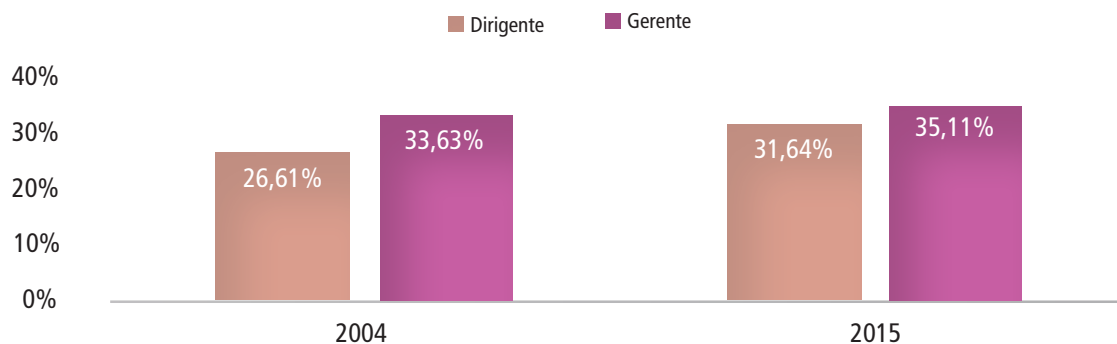


Figura 12 – Participação de mulheres que ocupam cargos de direção e de gerência nos segmentos de insumos, agroindustrial e de agrosserviços do agronegócio, em 2004 e em 2015

Fonte: Cepea/Esalq-USP

